

Motim contra as elites

Paul Collier

MAIO DE 2019

■ Paul Collier sobre as disfunções do sistema capitalista, a ira dos coletes amarelos e o Brexit.

Professor Collier, no seu novo livro, o senhor fala em erosão da coesão social nas sociedades ocidentais. Qual é a sua explicação para este fenômeno?

Estamos diante dos corolários de dois importantes desenvolvimentos econômicos. A fissura nas nossas sociedades tem a ver, por um lado, com a separação geográfica entre as metrópoles pujantes e as províncias esvaziadas e enfraquecidas; por outro, está ligada ao fosso crescente entre mão de obra com boa formação e pessoas com baixa qualificação. O resultado: desde a década de 1980, as regiões mais pobres não têm conseguido acompanhar o avanço das mais ricas. Observamos esta divisão em praticamente todos os países desenvolvidos.

Não se trata, porém, de um desenvolvimento recente...

Exato, é consequência da deterioração de um sistema econômico que

já se desenhava há décadas. O seu poder explosivo na sociedade só está, porém, sendo percebido apenas agora.

Apesar disso, o senhor insiste no capitalismo no seu livro novo e defende meramente uma cara mais “social”. Por que o senhor é tão tímido?

É preciso reconhecer que a história da civilização humana é contada há cerca de 15.000 anos nas mais diversas partes do mundo, mas apenas nos últimos 250 anos foi precisamente o capitalismo que se mostrou capaz de elevar o padrão de vida das massas.

No seu livro, o senhor mesmo descreve que esta capacidade não se dá por acaso.

Sim, mas também é verdade que o capitalismo nunca deve ser deixado à sua própria sorte. Logo no início do século 19, o capitalismo

mostrou suas fraquezas na Inglaterra. Na época, grandes contingentes de pessoas migraram para as cidades industrializadas à procura de trabalho e encontraram o proverbial inverno na terra. Como as condições de saúde eram catastróficas, a expectativa de vida caiu dramaticamente. Para corrigir estes desenvolvimentos negativos foram necessários investimentos de grande vulto na ordem pública e na infraestrutura.

Como podemos corrigir as fendas no sistema?

Tanto na época como hoje em dia, a situação demanda primeiramente um sentimento de responsabilidade moral por parte dos atores. Relegamos toda a obrigação de zelar pelo bem comum ao estado, isentando as empresas e as famílias completamente da sua responsabilidade moral de cuidar da comunidade. Por conseguinte, o estado está sobrecarregado de tarefas morais.

O que o senhor quer dizer com sobrecarregado? Não seria um sinal de progresso social, terem sido criados cada vez mais direitos – direitos que os indivíduos podem cobrar do estado?

Você até pode fazer esta leitura, o problema, contudo, reside no fato de hoje distribuírem direitos aleatoriamente a praticamente todos os grupos. O que é negligenciado neste tipo de abordagem é que direitos não substituem as obrigações mútuas dos cidadãos entre si ou até mesmo das empresas. Sob a impressão de análises econômicas e ideólogos liberais, como Milton Friedman, e fazendo referência ao utilitarismo, as coisas foram sendo facilitadas demais, especialmente para as empresas, as quais, daí em diante, só se preocuparam com o seu lucro. Estas ideias nos levaram na direção errada e suas consequências são desastrosas.

O que há de errado na ideia ética do utilitarismo?

Não basta enxergar o ser humano apenas como consumidor de direitos, liberdades ou bens. Não obstante, os utilitaristas foram reduzindo o ser humano cada vez mais a meros consumidores e fazendo política a partir desta premissa. O que não percebem até hoje: isso não diminui os anseios e temores das pessoas. Somos seres ativos e precisamos ter a impressão de que estamos contribuindo para a sociedade e somos produtivos. Portanto, em vez de tentar acalmar regiões como o Norte da Inglaterra ou o Leste da Alemanha com constantes transferências de recursos, é preciso aumentar a produtividade in loco.

Certo, mas disso ninguém ousaria discordar...

Só que não agimos assim. Criamos um sistema que eu chamaria de “paternalismo social” – uma estrutura social que pressupõe uma massa gananciosa e egoísta, a qual precisa ser controlada e levada na rédea curta pela elite desta sociedade. Contudo, assumir responsabilidade por outros, constitui uma ideia fascinante e representa a base da coesão social. A fim de trilhar este caminho, devemos primeiro nos despedir do mantra econômico de que “meus sucessos são o motivo da minha existência”; depois precisamos reconhecer que o indivíduo só alcança dignidade e autoestima quando assume responsabilidade pelo bem comum.

Parece que Jeremy Corbyn está conseguindo apelar à autoestima e à consciência coletiva na Grã-Bretanha com slogans como “Para muitos e não para poucos”. Será que está no caminho certo?

Ele certamente teve um ótimo faro no que tange as ansiedades das pessoas e ele sabe exatamente como deve abordá-las. Ainda as-



sim, considero Jeremy Corbyn extremamente perigoso, pois diferentemente de populistas como Donald Trump, ele possui um plano concreto para o futuro e este plano foi escrito há muito tempo e nunca deu certo.

A que precisamente o senhor se refere?

Ele é leninista, logo quer introduzir o socialismo na Grã-Bretanha - um modelo que já não deu certo em lugar algum, por exemplo, na Alemanha Oriental; ou seja, Corbyn e seus adeptos nos conduziram diretamente para a crise econômica. Ele é apenas um ideólogo e não a solução para nossos problemas.

Ele pode ser um ideólogo, mas mesmo assim o senhor tem de convir que ele e os *brexiters*, aqueles que querem a saída da Inglaterra da união Europeia, ofereceram uma visão às pessoas – perspectiva essa, aparentemente endossada.

Mas ideologias não levam a lugar algum. Tomemos o Brexit como exemplo. Considero o Brexit um motim e como acontece em todos os motins, eles são muito mais a expressão da raiva em relação à determinada situação do que uma solução para o futuro. A revolta mais famosa é sem dúvida o “Motim no Bounty”. Em 1789, marinheiros ensandecidos enfrentaram seu capitão que preferia gastar a preciosa água do navio com as plantas em vez de dá-la aos marinheiros. Mesmo se ambos considerarmos o motivo do motim razoável, no fim, os marinheiros acabaram em uma ilha no meio do oceano, o que certamente não tinha sido seu objetivo.

Circulam muitas teses tentando explicar como chegamos ao Brexit. Na sua opinião, qual foi o pomo da discórdia ou contra o que os britânicos se rebelaram com a sua decisão no verão europeu de 2016?

Levantaram-se contra as elites nas cidades. Depois de 40 anos de desrespeito sofrido pelas mãos das elites, as pessoas menos qualificadas que moram no interior por fim têm a oportunidade de expressar a sua insatisfação e raiva. O mesmo vale para a eleição de Donald Trump ou os protestos atuais dos coletes amarelos na França. Presenciamos um motim contra as elites nas cidades.

Como as elites deixam transparecer o seu menosprezo?

Através da sua arrogância e incapacidade de sentir empatia. É emblemática a figura de linguagem depreciativa usada para designar cidades na província, chamando-as de “flyover cities”, ou seja, cidades para sobrevoar. O recorde foi batido pelo comentarista britânico do Financial Times, Janan Ganesh, ao dizer que as cidades da Inglaterra seriam locais onde os moradores estão presos a um cadáver. Ao mesmo tempo, a pessoa perderia merecidamente o emprego dentro de dois dias se dizer apenas uma frase sobre a minoria “na moda” no país atualmente. Estas frases não são apenas brutais e pejorativas, mas também mandam um recado claro às pessoas que vivem lá: “Vocês não têm futuro.”

Em que medida os cidadãos bem-sucedidos nas cidades contribuem para a miséria das pessoas no meio rural?

As elites das grandes metrópoles acham que realmente “merecem” o que ganham. Mas não é bem assim, elas se beneficiam, sobretudo, dos ganhos de aglomeração do nosso capitalismo moderno. A migração para as cidades também atraiu empresas e fábricas, de modo que as pessoas têm trabalhos mais produtivos do que aquelas que ficaram no interior. Este ganho de produtividade não é nada mais que um efeito da aglomeração. Em vez

de reconhecer isso, acham que é suficiente defender uma minoria e sobrevalorizam isso no plano moral. Só que eles não são a elite moral. Ao contrário, muitos devem seu bem-estar a lucros provenientes de especulações no mercado financeiro, sendo que os lucros dos seus fundos frequentemente equivalem a perdas de fundos de pensão de outras pessoas.

Como o senhor explica este desatrelamento das elites?

Devido à produtividade mais alta nos centros urbanos surgem grandes diferenças de renda. Além disso, as elites se identificam mais com pessoas que se lhes assemelham do que com a maioria dos seus compatriotas. Isso eleva sua autoestima e os distingue do simples cidadão comum. Perde-se a nação como marco de referência. O sucesso individual torna-se a característica de identificação - inclusive para além das fronteiras nacionais. Esta situação reforça a alienação mútua entre os dois grupos.

Mormente os temas migração e fuga são sintomáticos para a alienação dos dois grupos.

Isso é deveras compreensível, já que fuga e migração são ideais para a diferenciação identitária. Na medida em que as elites abraçam a migração, distanciam-se conscientemente da maioria no país.

E por isso o senhor criticou a política de refugiados da chanceler Angela Merkel em 2015?

Não critiquei a chanceler Angela Merkel – seja a partir de um ponto de vista de esquerda, seja de um de direita. Tão pouco cultivo algum rancor ou ressentimento pessoal contra ela. Só acho que existe um certo padrão de decisões políticas ruins da parte dela. Sua política de refugiados foi uma decisão política

populista e míope, algo que uma liderança de um grande país como a Alemanha não deveria fazer. Trata-se da mesma postura que ela adotou em 2011, logo após a catástrofe nuclear de Fukushima no Japão, mudando imediata e radicalmente a sua posição, apesar de nem existir a possibilidade de ocorrerem tsunamis na Alemanha. Em todo caso, as divisões fundamentais nas nossas sociedades desenvolvidas não devem ser reduzidas à questão da fuga e migração. Seria demasiado simplista.

Mesmo assim este é o tema que tem causado tanta celeuma nos últimos anos.

Pois é precisamente este aspecto que deveria nos levar a pensar. Sempre que a migração se torna um tema de destaque, alguma coisa deu errado na nossa sociedade. É perfeitamente ridículo, criar tantas narrativas em torno deste tema. Deveríamos nos preocupar com a divisão geográfica e as desigualdades na educação.

Mas qual poderia ser a narrativa capaz de unir tantos grupos diferentes?

Na minha opinião, o patriotismo pode ser uma força unificadora. No início, Emmanuel Macron estava no rumo certo, fazendo uma distinção sábia entre patriotismo e nacionalismo. Enquanto o nacionalismo foi sequestrado pela extrema direita e usado para excluir outros, o conceito de patriotismo inclui todas as pessoas que vivem em um determinado país. O patriotismo tenta, portanto, fazer com que a sociedade seja um local bom para todos. Além disso, tanto políticos de esquerda como conservadores estão igualmente abertos em relação ao termo e lhe dão uma conotação positiva.

Será que não é ingênuo buscar uma narrativa unificadora em tempos de sociedades tão individualistas e diferenciadas?



Não nos resta outra opção. Nenhum progresso é possível, se as pessoas não se derem conta que todos pertencem a uma mesma sociedade e que precisam tentar alcançar os objetivos juntos. Uma identidade comum e um sentimento de união – o sentimento do nós – requer uma determinada área. E somente neste contexto podem surgir obrigações mútuas, uma vez que todos fazem parte desta área. Esta noção também deveria existir na política. Logo, a comunidade, ou seja, o local da atuação política continua sendo o estado nacional – não exclusivamente, mas predominantemente. Assim sendo, temos de começar a estabelecer o patriotismo no nível local para, em seguida, ampliá-lo passo a passo.

O senhor mencionou Emmanuel Macron que recentemente foi desafiado pelos coletes amarelos – e isso apesar do patriotismo e apesar de uma certa euforia inicial.

É óbvio, Macron falhou. Ele cometeu um erro grave ao cair na retórica do paternalismo social. O que tornou seu movimento “En Marche” tão exitoso no início, foi a forma inclusiva criada por Macron, organizando tudo de baixo para cima. A narrativa de Macron incluía todos. Mas tão logo se tornou presidente, adotou uma postura despótica e suas mensagens passaram a ser: “Eu sei o que é melhor”, “Eu mostro como funciona”. Urge uma mudança de atitude, ele precisa voltar ao comportamento que lhe rendeu tanto sucesso durante a campanha eleitoral.

Será que o Brexit dará aos britânicos a chance de desenvolver um novo patriotismo e assim curar as suas feridas?

Vale o seguinte: A política da qual a Grã-Bretanha carece pode ser realizada tanto dentro da União Europeia quanto fora dela. Todavia, seria besteira sair da União Europeia. Não de-

veríamos adiar o artigo 50 da lei de implementação do Brexit, e sim, revogá-lo. Porém, a realidade é outra: Nossos políticos teceram uma teia de rivalidades e caíram em uma armadilha. Precisamos superar as guerras ideológicas de trincheiras.

A entrevista foi realizada por Fabian Hepp e Marius Mühlhausen.

Este artigo foi publicado pela revista “Internationale Politik und Gesellschaft” (IPG), ipg-journal.de, em 26/02/2019.



Autor

Paul Collier é professor de economia e diretor do Centro de Estudos das Economias Africanas na Universidade de Oxford. Ele analisa a relação entre pobreza, guerras e migração. Seu novo livro “The future capitalism: Facing the new anxieties” (O futuro do capitalismo: Enfrentando as novas ansiedades) foi publicado no dia 25 de fevereiro de 2019 pela editora Siedler Verlag na Alemanha.

Responsável

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES) Brasil
Av. Paulista, 2001 - 13º andar, conj. 1313
01311-931 | São Paulo | SP | Brasil
www.fes.org.br

Friedrich-Ebert-Stiftung (FES)

A Fundação Friedrich Ebert é uma instituição alemã sem fins lucrativos, fundada em 1925. Leva o nome de Friedrich Ebert, primeiro presidente democraticamente eleito da Alemanha, e está comprometida com o ideário da Democracia Social. No Brasil a FES atua desde 1976. Os objetivos de sua atuação são a consolidação e o aprofundamento da democracia, o fomento de uma economia ambientalmente e socialmente sustentável, o fortalecimento de políticas orientadas na inclusão e justiça social e o apoio de políticas de paz e segurança democrática.

As opiniões expressas nesta publicação não necessariamente refletem as da Friedrich-Ebert-Stiftung.

O uso comercial de material publicado pela Friedrich-Ebert-Stiftung não é permitido sem a autorização por escrito.

ISBN 978-85-9565-057-2



9 788595 650572